



Obituário das profissões

Mestre-alfaiate, amolador, posticeiro, porteiro... em breve desaparecerão da lista das profissões oficiais. Retratos de quatro teimosos.



Durante anos, invadiram as ruas com o silvo característico das gaitas-de-beiços. Agora, os amola-tesouras são quase figuras museológicas. E, como esta, são muitas as profissões que vão perdendo lugar no mundo. A nova Classificação Nacional das Profissões (CNP), que está a ser revista pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), prepara-se para excluir profissões como o mestre-alfaiate, o dactilógrafo, a governanta de casas particulares e o banheiro.

Mas o rol das que não resistiram às trombetas do progresso é muito mais extenso. E mesmo entre os que teimam no ofício que lhes dá o pão — por mais mínguado que seja — poucas forças restaram para convencer os filhos e os netos a seguir igual destino. Engraxadores de calçado, lavadeiras manuais, cartógrafos, maquetistas, serradores mecânicos, guardas-fiscais ou de rios são outros exemplos das figuras condenadas ao obituário das profissões portuguesas.

A CNP é um repertório de todas as profissões existentes em Portugal. Com 1750 profissões registadas, está em pleno processo de revisão, devendo a nova lista ficar pronta até ao final do ano. Este processo envolve associações sindicais, profissionais e patronais, por recomendação da Organização Internacional do Trabalho e por causa das queixas relacionadas com o anacronismo da classificação. "A revisão das classificações deve decorrer com intervalos de 12 anos, já ultrapassámos isso. E têm-nos dito que a lista está desactualizada, sobretudo em relação a áreas ligadas ao marketing e à informática, por exemplo", afirma Ana Campos, coordenadora do núcleo de estudos profissionais do IEFP.

Confirmando que profissões como o mestre-alfaiate e o alfaiate por medida, o posticeiro (que fabrica postiços), o guarda-rios, o dactilógrafo e a lavadeira manual vão desaparecer da nova CNP, Ana Campos garante que as consequências práticas são quase nenhuma: "A lista é utilizada como referência, mas não tem quaisquer repercussões a nível salarial ou de contratação". É "mais uma arrumação das figuras."

O Estado deve intervir na preservação das profissões? "Nenhuma sociedade é feliz se perder a memória", responde Elísio Estanque, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Com várias

investigações sobre o mercado de trabalho português, o sociólogo não tem dúvidas de que o Estado deve tentar salvar de morte certa "actividades consideradas significativas para preservar um determinado imaginário colectivo. É importante que as futuras gerações saibam como era o mundo no tempo dos bisavós". O Estado "deve estar atento, porque o conceito de 'cultura' passa muito por esse tipo de coisas", insiste. "Não se pode deixar que seja apenas o mercado a regular a longa vida ou a morte de uma profissão".

Mas não se confunda esta tese com a defesa da musealização de tais figuras. "Reduzir as coisas do passado ao seu efeito folclórico era o pior que podia acontecer", alerta. O que há a preservar são os espaços e os contextos onde tais actividades possam ter coerência. "Não é por acaso que assistimos à recuperação e ao sucesso das feiras medievais, em várias regiões do país", sustenta. "As pessoas valorizam isto e não me parece que seja apenas numa perspectiva nostálgica e romântica. As coisas não surgem do nada, mas de experiências do passado que é preciso reavivar."

Olhando com tristeza para o declinar de algumas profissões, Elísio Estanque aponta culpas e contradições aos processos de industrialização e inovação tecnológica. "À medida que evoluímos para uma sociedade mais industrializada e de consumo de massas, o sistema produtivo especializou-se e mecanizou-se mais e, nesse sentido, com o chamado 'modelo taylorista', das tarefas executadas em cadeia, o trabalhador perdeu autonomia e entrou num processo de alienação e profunda dependência do aparelho produtivo, também enquanto consumidor."

Arrisca um cenário. "Hoje vamos às compras e quase não precisamos de falar com ninguém. Um destes dias, metemos as coisas no carro de compras, passamos num sistema magnético que descodifica os preços, metemos o cartão multibanco numa máquina e não contactamos com rigorosamente ninguém." E isso é mau? "É uma tendência inevitável, mas também é uma pena porque se perde esta velha tradição segundo a qual o comércio era importante também porque punha os povos em contacto, logo criava espaço para uma compreensão recíproca." ●

PORTEIRO

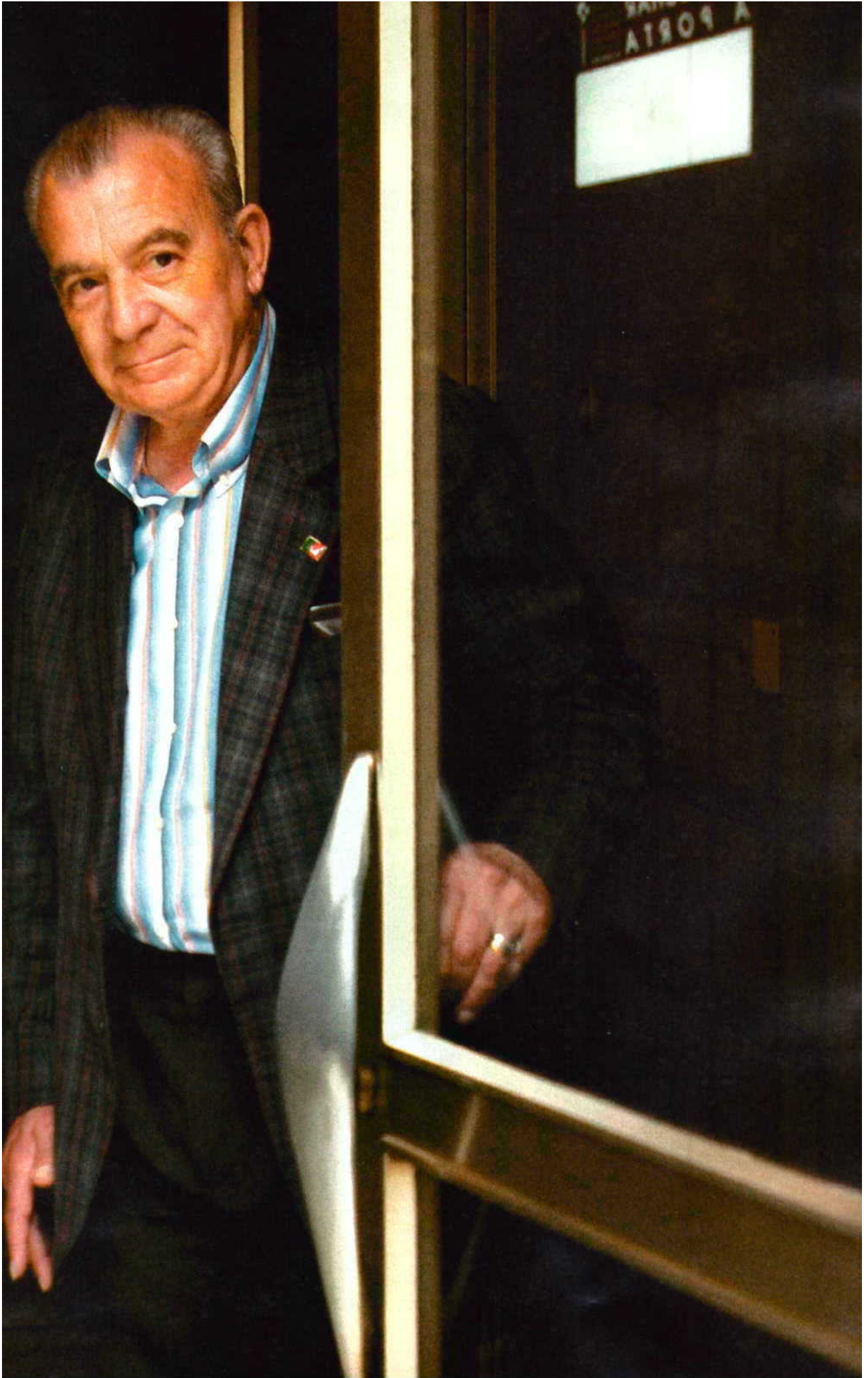
Guilherme Mota Ferreira | 75 anos

A receita sai rápida da boca de Guilherme Mota Ferreira, porteiro no prédio 286, da Rua de Santa Catarina, no centro do Porto. "Importa ser cortês com as pessoas, de maneira a que elas também se portem em condições. E não beber, claro, porque o álcool é um perigo, para mais tendo que lidar com doutores e advogados."

Há 20 anos na profissão, ainda se irrita com aqueles que passam e "nem 'bom dia' nem 'boa tarde'". Mas, mesmo quando se sente olhado como "um monte de lixo", opta por "ferrar a língua, porque um porteiro não pode andar a criar conflitos com as pessoas". Com uma bandeira portuguesa presa à lapela, o porteiro, 75 anos, diz que o pior ainda é ver o tempo passar, acompanhar com o olhar a pressa dos que passam pela rua e não acontecer nada no prédio. "Dantes, havia muito mais gente a entrar e a sair. Fosse para o dentista, para a esteticista, fosse para o sindicato ou para o advogado. Agora, as pessoas retraem-se e se calhar recorrem menos a estes serviços", constata. Quando os porteiros do relógio insistem em não sair do sítio, chega a ler quatro jornais por dia. E decifra os enigmas dos quebra-cabeças e das palavras cruzadas, de preferência "daquelas que não têm quadrados negros, que são mais difíceis". Sempre é uma forma de distrair-se. "De contrário, ponho-me a cismar. Infelizmente, isto agora dá tempo para tudo, para raciocinar e ver o que as pessoas são, o que nós somos..." Às vezes, cansa. Não por causa do esforço físico, entenda-se. "É um trabalho muito solitário."

Por isso, e para não pensar no filho com deficiência, é que Guilherme Mota Ferreira se propôs receber as rendas dos inquilinos, prestar contas à senhoria e distribuir o correio. "Não que seja das minhas funções, mas sempre dá para distrair e ajuda a zelar pelo bom funcionamento do prédio." Na secretária, onde transbordam jornais, há um mapa de registo de rendas. "Fui eu que o inventei", diz com orgulho.

E quanto ao desaparecimento da profissão? "É um trabalho duro e com muita responsabilidade. Não condeno quem procura fugir a isto."



POSTICEIRO

Horácio Carolino | 60 anos

Horácio Carolino é careca assumido. O facto só é relevante porque estamos perante o último posticeiro do Porto. Há 50 anos que confecciona perucas e postiços. "Comecei com dez. Os meus pais entregaram-me aos donos desta loja e, quando acabei a quarta classe, puseram-me a aprender a arte."

Durante várias décadas, pôde bem com a concorrência. Há 15 anos que não tem rival na cidade. "Já ninguém quer seguir esta arte. Os meus filhos disseram-me para nem pensar nisso. Já pus alguns rapazes a aprender mas só duraram três meses."

E não é por falta de clientes. Conta como aqui, no número 105 da Rua do Bonjardim, no centro da cidade, continuam a entrar carecas envergonhados, senhoras que investem numa peruca para que, aquando de cerimónias ou jantares importantes, não tenham de ir a correr para o cabeleireiro, maridos e mulheres interessados em disfarçar as infidelidades ou despistar cobradores, doentes em tratamento oncológico... "Temos vários tipos de pessoas a recorrer aos nossos serviços", explica, entretido a fazer canudos com um ferro quente numa peruca alourada. Tanto pode servir para tornar verosímil a figura de um anjo numa procissão como para ajudar um actor a encarnar a personagem do momento. "As televisões compram muitas perucas para as séries que vão fazendo. E as companhias de teatro também. Costumam alugá-las..."

Nas vitrinas que enchem as paredes da Cardoso Cabeleireiro jazem dezenas de cabeleiras. De cabelo curto ou com tranças, liso ou com caracóis, louro ou castanho, com franja ou não.

Horácio diz que quem quiser usar peruca sem ser detectado deve optar por uma de cabelo sintético. "Lava-se e molda-se como uma pessoa quiser. Com o cabelo natural já não, porque é um cabelo sem vida e, além disso, vai perdendo a cor." Nada que justifique, porém, o aspecto de muitos capachinhos (ou próteses, na linguagem do posticeiro) que quase roçam a caricatura de tão obviamente postiços. "Isso vai do cuidado de cada um. Se não for lavado nem penteado com cuidado, fica com aquele aspecto desagradável", comenta, garantindo que anda pela rua muita gente que ninguém percebe usar peruca.



PROFISSÕES QUE DESAPARECEM

Abridor de palhetos
(alimenta e vigia o funcionamento de uma máquina destinada a esticar e dar maleabilidade às peles com pêlo)

Afagador

Ajudante de padaria

Alfaiate

Apartador de lã

Banheiro

Cobrador

Dactilógrafo

Dobrador manual (dobra, manualmente, folhas de papel a fim de formar os cadernos que constituem a obra, para posterior encadernação ou brochura)

Estivador

Governanta

Guarda-fiscal

Guarda-rios

Lavadeira manual

Posticeiro
Trintanário
(vigia a entrada e saída de clientes num hotel ou estabelecimento similar, prestando-lhes o apoio necessário: abre as portas dos veículos)



**PROFISSÕES
NOVAS NA CNP**

**Agente de
condução**
(metros ligeiros de
superfície)

**Agente de
inseminação
artificial**

**Ajudante de lar e
centro de dia**

**Assistente de
Apoio a Clientes**

**Auxiliar de Acção
Médica**

Biólogo

**Chefe de sala
(bingos)**

**Designer de
Ambiente**

**Engenheiro
Zotécnico**

**Engenheiro do
Ambiente**

Equilibrista

Ergonomista

**Gestor de Espaço
Comercial**

**Gestor de
Projecto**

**Inspector de
Movimento
(metropolitano)**

**Instrutor de
Desporto**

**Operador de
Equipamento
de Manipulação
Digital de
Imagem**

Técnico Agrícola

**Técnico de
Marketing**

**Técnico de
Internet**

Psicopedagogo



AMOLADOR

Frederico José | 46 anos

Frederico José orgulha-se a sério daquilo que faz. Vê-se nos olhos – azuis como a bata que enverga, num dos cantos do Mercado do Bolhão, no Porto.

Cigarro a fumar no canto da boca, mãos atarefadas na dança da lâmina sobre a amoladeira. "Trabalho nisto vai para 30 anos, o meu pai já era amolador e eu fiquei com o lugar dele", explica.

A manhã está má para conversas. As vindimas pedem tesouras de podar afiadas e não falta quem venha da Régua e doutras paisagens vinhateiras com vários pares para amolar. "Isto já deu mais, porque antigamente não havia a concorrência das lojas dos 300, mas as pessoas acabam por perceber que compensa mais comprar uma boa tesoura de produção nacional".

Não são precisos mais do que dez ou 15 minutos para pôr a lâmina a brilhar. A máquina move-se a electricidade, graças à ajuda de um irmão, "serralheiro e muito habilidoso". "Já foi a pedal, mas adaptei-a. Pior era a do meu pai, que era a gasolina, feita com um motor de motorizada. Mas aquilo fazia fumo e barulho que era incómodo até para os clientes".

Tal como a máquina, a gaita-de-beiços do pai, que era feita de madeira, "está num museu qualquer". Quando seguiu o ofício do pai, quarta classe acabada de fazer, Frederico dispensou a gaita. "Como estou fixo no Bolhão, não preciso de andar a anunciar-me", justifica.

Que o digam os proprietários de restaurantes e estabelecimentos das imediações. "Trazem-me discos de cortar fiambre, tesouras de cortar relva, tosquiar ovelhas e de barbeiro, facas de desossar... O que levam menos é guarda-chuvas. "Só se for mesmo daqueles nacionais, que até dão para substituir as varas todas, se for preciso. Aos novos nem lhes pego..." A frase ainda vai a meio e já outra cliente lhe aponta a tesoura. "Veja se tem arranjo, se não tiver, bota-se fora." Tem arranjo, sim senhora, e daí a poucos minutos é vê-la a cortar a direito sobre o tecido. O cliente seguinte, se faz favor.



ALFAIATE

António Saldanha | 67 anos

Há décadas que veste os maiores empresários nortenhos. À justa medida, ou não se tratasse de um alfaiate especializado, dos que exigem duas provas antes de entregarem a fatiote aos clientes. O resultado, garante, "é um fato de uma comodidade tremenda". E de uma durabilidade à prova de estômagos mais salientes. "Tenho clientes com fatos feitos por mim há mais de 20 anos e que hoje os trazem cá para alargar", afirma António Saldanha, da alfaiataria com o mesmo nome, na Rua 31 de Janeiro, Porto.

"A maior parte dos meus colegas diz que o pronto-a-vestir acabou com a arte dos alfaiates, mas o que tira a produção ao alfaiate é a falta de apoios e, sobretudo, a nova maneira de estar: dantes toda a gente vestia fato, mais não fosse para o passeio de domingo, agora se for preciso vai-se para uma reunião de trabalho com calças de ganga".

Nada que António pudesse imaginar quando começou a aprender a arte da alfaiataria junto de um profissional de Freixo de Espada à Cinta, onde vivia. "Os meus pais não tinham dinheiro para me pôr a estudar mas também não queriam que fosse escravo da terra como eles." Foi como aprendiz. "Era uma arte limpa e levezinha. Comecei aos 11 mas só aos 16 anos é que comecei a receber 25 tostões pelo trabalho". Na parede, um diploma de cortador, da Academia de Corte para Mestres. "Os alfaiates sempre tiveram medo de ensinar o corte aos aprendizes. Se calhar com medo de perder a freguesia". Por isso tratou de pagar para o aprender. Isto numa altura em que a bombazina ainda era trabalhada às escondidas da polícia fiscal, por ser produto contrabandeado de Espanha. "É uma pena que continue a não haver quem ensine a ser alfaiate". Dedal eterno no dedo da mão direita, não abdica ele próprio ainda hoje de cortar, provar e acertar os fatos que lhe encomendam. "Os meus clientes têm entre 35 e 50 anos. Não é que tenha perdido clientes, fazem-se é muito menos fatos". Em média, um fato por medida custa entre 600 e 850 euros. "Se me trouxerem o tecido, faço um fato em 48 horas por 250 euros".

Trabalha entre dez a 12 horas por dia. É que "felizmente, ainda há quem não abdique de ter um fato feito à sua medida".







58 OBITUÁRIO
DAS PROFISSÕES
Amolador, mestre-alfaiate,
porteiro, posticeiro...

Retrato de trabalhos que
vão desaparecer.

NATÁLIA FARIA E FERNANDO
VELUDO, NÉLSON GARRIDO
E PAULO PIMENTA

EXTINÇÃO

Retratos de quatro profissões
que estão quase a acabar